



BIBLIOTECAS
DE LISBOA

PAPAGAIO REAL... SEMANÁRIO MONARCHICO. POLÍTICA, CARICATURA E HUMORISMO – Publicou-se em Lisboa, **entre 7 de abril e 18 de agosto de 1914**, somando apenas **20 números**. A administração e a redação – propriedade de uma empresa com o mesmo nome do periódico – estavam sedeadas no Largo de S. Paulo, n.º 7, 1.º esquerdo. Para a sua composição e impressão recorria-se aos serviços da «Imprensa Progresso», na calçada de S. Francisco, 23, 1.º.

Contrariamente ao que pode sugerir a sua existência efémera, **1914 foi um ano particularmente fecundo para a imprensa monárquica**, que se reanimou com o regresso de um grande número de exilados e emigrantes, após o **decreto da amnistia do governo extrapartidário de Bernardino Machado** (21 de fevereiro), e com o crescente antagonismo entre os partidos republicanos, e toda a sorte de problemas que se colocaram à jovem República.

Para dar uma ideia da **vitalidade desse despertar monárquico**, referira-se que o ano de 1914 assistiu ao **renascimento de “velhos” diários como: O Dia**, dirigido por João Moreira d’Almeida (Lisboa, 15 de abril); *Jornal da Noite. Folha Monarchica*, com direção de Rocha Martins (Lisboa, 27 de julho); e ao **lançamento de novos jornais: Chronica Política**, de Aníbal Soares (Porto, 27 de abril); *Diário da Manhã. Jornal Monarchico*, sob a direção de José d’Arruella (27 de maio); *Restauração*, dirigido por Homem Cristo, Filho (Lisboa, 20 de julho); **de novas revistas, ligadas ao movimento integralista: Aqui d’El Rey!..** (Lisboa, fevereiro);¹ *Nação Portuguesa* (Coimbra, 8 de abril); **novas publicações humorísticas: Fantoques**, dirigido por Rocha Martins (Lisboa, 12 de janeiro);² e *Cacete: jornal independente*, de Alfredo Lamas, de que saiu um só número (Lisboa, 21 de janeiro); além do florescimento da imprensa local monárquica.

Tamanha proliferação de títulos, além de um sinal de vitalidade, indicava também a presença de **diferentes vozes ou opiniões entre os monárquicos** – que outra razão pode explicar a necessidade de tanto periódico, para mais num ambiente politicamente adverso, em que a união de esforços seria a estratégia mais óbvia e recomendável?

Encarado nessa perspetiva, o “caso” do *Papagaio Real* dá que pensar pois foi **fundado e dirigido por Alfredo Lamas**³ que, até fevereiro daquele ano, **fora**

¹ Recentemente associados ao dossier digital «I Guerra Mundial – 100 Anos» em construção na Hemeroteca Digital.

² Já digitalizado e acessível na Hemeroteca Digital.

³ Trata-se do monárquico Alfredo da Cunha Lamas, jornalista e empresário. Durante a I República esteve ligado ao movimento da Causa Monárquica e à imprensa que lhe era próxima. Fundou e dirigiu três periódicos humorísticos de combate: *O Thalassa*, *O Cacete* e o

co-proprietário e co-diretor d'O Thalassa: semanário humorístico e de caricaturas (Lisboa, 1913 – 1915).⁴ Ora, atendendo às semelhanças e afinidades que assistem aos dois semanários humorísticos e monárquicos, o que esteve na origem da renúncia de Alfredo Lamas?

Aparentemente, a divergência estava relacionada com a designada «Causa Monárquica», movimento político que preconizava a fundação de um partido monárquico, como estratégia para unir e organizar a família monárquica, com vista a restaurar a Monarquia, por uma via pacífica e institucional. *A Causa Monárquica encontrou grande projeção nas páginas do Papagaio Real*. O mesmo não se pode dizer d' *O Thalassa*, onde a opinião dominante se opunha àquelas ideias.⁵

A primeira vez que o *Papagaio Real* assumiu abertamente a sua cumplicidade com a Causa Monárquica foi na edição de 12 de Maio, quando anunciou o **regresso a Portugal de José d' Arruela**⁶, um dos dinamizadores dessa organização ainda proto partidária: «O destemido defensor da causa monarchica, que é a causa da Pátria, continua trabalhando esforçadamente para o aparecimento do *Diário da Manhã*. O Partido Monarquico, em vias d'organização, tem sido e continua a ser a sua constante preocupação, merecendo-lhe especial cuidado esta ideia, em que poz o melhor do seu talento, da sua actividade, da sua enorme dedicação, ideia que hoje está aceite por todos aquelles que entendem, que a salvação da Patria está dependente da orientação a imprimir a esta massa enorme, que é o paiz e que quer sacudir o jogo de quatro anos d'uma demagogia aviltante. (...)»⁷ A semana seguinte trouxe mais novidades. Publicaram a «Carta aos emigrados políticos»,

Papagaio Real; e também desempenhou cargos diversos em publicações, como: *Jornal da Noite*, *Diário do Partido Regenerador-Liberal*, onde foi gerente e secretário, entre 1906-1908, e em 1914, quando o diário reapareceu, ostentando como subtítulo *Folha Monárquica*; *Correio da Manhã*: *órgão da causa monárquica* (1921-28) onde foi jornalista. Terá sido na redação do *Correio da Manhã* que conheceu a jornalista, escritora e ativista Maria Lamas (Maria da Conceição Vassalo e Silva), com quem casou em 1921. Em 1935, Alfredo Lamas integrou a direção da Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, presidida por Artur Portela, e de que faziam também parte Manuel Nunes, Pinto Monteiro e Cristiano Lima.

⁴ Cf. *O Thalassa*, n.º 48, de 20/02/1914, p. 2.

⁵ Leia-se, por exemplo, o texto «Partido Monarchico», in *Thalassa*, n.º 58, 1/05/1914, p. 5.

⁶ José d'Arruela Advogado (Ovar, 5/06/1881 – ?, 28/07/1960) formado em Direito, na Universidade de Coimbra, estabeleceu-se em Lisboa e celebrou-se como advogado dos marinheiros revoltosos do couraçado «Vasco da Gama» (1908). Um «caso» que, a partir do jornal *O Século*, levantou a indignação e o apoio da opinião pública, forçando a amnistia dos implicados. Ao longo da sua carreira, José d'Arruela defendeu outros acusados de crimes políticos, muitas vezes gratuitamente. A sua filiação no partido monárquico data de 1913 e esteve mais de uma vez preso por participação nas suas atividades revolucionárias. Foi presidente da comissão de organização política da Causa Monárquica, fundador do Centro Monárquico de Lisboa e diretor do *Diário da Manhã*, órgão oficioso da Causa Monárquica. A sua prosa assertiva está disseminada por jornais, como: *O Século*, *Diário de Notícias*, *Época*, *Dia*, *Nação* e *Voz*. Dirigiu a revista *Voz do Direito*. No campo literário, publicou: *A Monarquia e a República: o programa do Diário da Manhã*; *A tragédia nacional: Alemanha e Portugal*; *Uma trepa histórica, (polémica com o Dr. Alfredo Pimenta)*; *O equilíbrio peninsular*; *O imperativo geográfico de uma aliança*; e dois livros de poesia, *Contrastes* e *Convulsões da Pátria*.

⁷ Cf. «José d'Arruela, *Papagaio Real*, n.º 6, 12/05/1914, p. 3. Refira-se ainda que o PR começou anunciar o aparecimento do *Diário da Manhã*. *Jornal Monarchico*, no verso da contracapa, a partir de 21 de abril.

documento político que fora redigido por José d'Arruela, em nome dos monárquicos de Lisboa, para o acompanhar numa viagem por várias cidades europeias, com o objetivo de restabelecer contactos e mobilizar vontades monárquicas dispersas.⁸ Pela mesma altura, a direção do *Papagaio Real* anunciou a sua «honrosa coabitação» com o *Diário da Manhã* (que ainda não se estreara), o que levou à transferência da administração e redação para a **rua António Maria Cardoso, 20 1º andar**, onde se manteve até último número.⁹

Na sua edição de 2 de junho, o *Papagaio Real* assinalou com pompa o lançamento do *Diário da Manhã*, reproduzindo a sua primeira página. Também publicaram uma mensagem do rei D. Manuel, comunicada através de João Azevedo Coutinho, seu lugar-tenente, fazendo público «o Seu reconhecimento profundo a todos os portugueses que tão memoráveis provas deram da sua inabalável fé política, da sua extrema dedicação pela Causa Monarchica, mantendo, a despeito de todos os sofrimentos e sacrifícios, de todas as pressões e violências, a sua inquebrantável firmeza de convicções.» Para deixar claro que a Causa Monárquica não repudiava, nem se envergonhava das iniciativas restauracionistas anteriores, a missiva evocava o manifesto de 15 de Setembro de 1912, redigido na sequência do fracasso da segunda incursão (6 de julho), reafirmando as ideias nele consignadas e o seu profundo empenho na restauração da Monarquia e a sua confiança no apoio de todos os monárquicos.¹⁰

Conhecida a sintonia do *Papagaio Real* com Causa Monárquica, importa agora, por um lado, perceber se no seu programa de ação estavam traduzidos os objetivos daquele movimento: grosso modo, unir e organizar os monárquicos, sob a liderança do rei D. Manuel II; e, por outro lado, conhecer os autores que foram convidados para o desenvolverem.

PROGRAMA

O programa do *Papagaio Real* ficou explanado no editorial do primeiro número e configura uma espécie de manifesto monárquico. Começava precisamente por enunciar um conjunto de valores e princípios definidores, uma espécie de denominador comum: (...) Monarchico quer dizer patriota, amigo da ordem, do progresso, da liberdade e do respeito devido aos nossos semelhantes. (...).

Nós não somos monarchicos arrivistas, não somos dos que com a queda do régimen perderam o logar á mesa orçamental: não somos dos que de chapéu em punho andavam bajulando os chefes dos partidos.

Não somos monarchicos porque esperamos da monarchia, quando voltar – que fatalmente volta – posta ou pasta, não; somos monarchicos por tradição, educação e raciocínio.

⁸ Cf. *Papagaio Real*, n.º 7, 19/05/1914, p. 8.

⁹ Cf. *Ibidem*, p. 9.

¹⁰ Cf. *Papagaio Real*, n.º 9, de 2/06/1914, p. 2.

Sômos monarchicos porque entendemos que esse regímen político é o único capaz de assegurar a nossa independencia; porque respeitamos em absoluto o direito que cada um tem a usufruir o que é seu, o que lhe custou a ganhar ou herdou de seus maiores.

Sômos monarchicos porque respeitamos o lar alheio, a liberdade e o pensar de todos os nossos compatriotas, as suas crenças religiosas como as suas crenças políticas.»¹¹

Depois de denunciar o desrespeito da república por aqueles valores e princípios, o editorial centrava-se na questão da responsabilidade pela queda da Monarquia e nas causas que a determinaram, denotando uma preocupação conciliatória: «Só os monarchicos tiveram a culpa da queda do regímen que pequena viração tombou; só eles teem responsabilidade, principalmente os então dirigentes, pela formidável derrocada a que tudo foi levado dentro d'este pequeno e risonho paiz...» Mas no parágrafo seguinte, logo se aligeirava a culpa dos dirigentes: «A propaganda republicana serviu-se de todos os argumentos, lançou mão de tudo desde a mais desleal á mais nojenta mentira. Usou e abusou da liberdade que o regímen lhe concedeu.

Não queríamos, é claro, que a liberdade lhes fosse coartada, mas que fosse responsabilizada, que aos seus comícios de propaganda outros se sucedessem demonstrando a inanidade dos seus argumentos e a falta de logica e verdade que era em geral a característica dos seus propagandistas.

Nada se fez; agacharam-se os homens em frente do terrivel monstro, que não passava, afinal, como se tem visto, de, com excepções é claro, meia dúzia de cobardes, aparentando de valentes, em frente d'uns milhares timoratos...».¹²

Como a República não passava de um embuste, e não tardaria muito para que a Monarquia estivesse de volta, o *Papagaio Real* propunha-se atalhar caminho com recurso ao humor, mas sempre num registo nobre, elevado: «O que ahi fica constitue, pode dizer-se, o nosso programa, mas é preciso acrescentar-lhe para bem nítida compreensão de todos, e até dos nossos inimigos políticos, que não vimos, nem nos compete, em som de guerra; desejamos fixar aspectos, castigar pelo riso a scena politica da nossa terra, tão fértil em dramas de faca e alguidar e comedias á gymnasio...

A vida particular seja de quem fôr, é para nós sagrada. Basta-nos, para demolir, a vida pública...

Também a grosseria e o ultraje em qualquer dos seus aspectos por cá não farão carreira.»¹³

¹¹ Cf. *Papagaio Real*, n.º 1, de 7/04/1914, p. 2.

¹² *Ibidem*.

¹³ *Ibidem*.

Concluindo, o programa do *Papagaio Real* constituiu, de facto, um pronúncio da Causa Monárquica, ou melhor, configurou um ensaio aos argumentos que podiam alicerçar a união e mobilização das forças monárquicas e de outras correntes de opinião (conservadores, católicos, nacionalistas, etc.) que, como eles, rejeitassem o regime republicano. Nesse sentido, pode considerar-se sintomática a ausência de qualquer referência ao rei D. Manuel, ou a outras figuras politicamente relevantes dos últimos anos da Monarquia. Subsistia ainda o receio de que dividissem mais do que unissem. Os primeiros rostos humanos projetados nas páginas do *Papagaio Real* eram símbolos da resistência monárquica: exilados, oficiais insurretos, presos ou assassinados, heróis das incursões militares a partir da Galiza. A fotografia do rei D. Manuel II só foi publicada em fins de maio, preparando já o lançamento do *Diário da Manhã* e da campanha da Causa Monárquica.¹⁴

Foi também por esta altura que o semanário reformulou o grafismo da capa, que perdeu a sua coloração jovial e passou a apresentar um papagaio de porte mais altivo e aguerrido, de escudo português ao peito. De acordo com as explicações avançadas, a mudança fora suscitada por «numerosos e sucessivos pedidos» dos leitores, que se sentiam particularmente desgostados com a amálgama de cores.¹⁵

COLABORADORES

O *Papagaio Real* anunciava em capa uma plêiade de colaboradores artísticos invejável, onde enfileiravam alguns criativos da nova geração ou modernistas, como: **Almada Negreiros** (1893-1970)¹⁶, que assegurava a **direção artística**, **Gastão de Lys**¹⁷, **Stuart Carvalhaes** (1887-1961)¹⁸, **Jorge Barradas** (1894-

¹⁴ Cf. *Papagaio Real*, n.º 8, 26/05/1914, p. 4-5.

¹⁵ Cf. *Papagaio Real*, n.º 6, de 12/05/1914, capa e p. 10.

¹⁶ José Sobral de Almada Negreiros (S. Tomé, 7/04/1893 - Lisboa, 15/06/1970) foi um artista multifacetado, genial e controverso. Esteve ligado ao grupo modernista. Era ainda estudante quando publicou o seu primeiro trabalho como desenhador de imprensa: foi n' *A Sátira* (n.º 4, 1/06/1911, p. 45). No ano seguinte, figura entre os participantes no I Salão dos Humoristas Portugueses. Desde então, manteve sempre uma colaboração com várias publicações, nomeadamente: *A Rajada* (1912); *Ilustração Portuguesa* (1913), *Atlântida* (1917), *Diário de Lisboa* (1921-24), *Sempre Fixe* (1926-33), *Sudoeste* (1935), *Presença*, *Panorama*, entre muitas outras. No *Papagaio Real*, descobre-se o traço irreverente de Almada Negreiros no n.ºs 1 (p. 1) e 2 ("Errare humanum est", p. 3), numa série de pequenos ilustrações que, nas páginas de texto, fazem as vezes de "separadores", e, possivelmente, no toque negligente do pagaio real que ilustra a capa colorida, e em alguns dos cabeçalhos da primeira página, sempre diferentes e joviais.

¹⁷ Trata-se provavelmente de um pseudónimo e o artista está ainda por identificar. À falta de melhor informação arriscamos uma sugestão: Christiano Shepard Cruz, que nasceu em Leiria (1892), cidade banhada pelo rio Lys, e pertenceu à geração dos primeiros humoristas. A sua assinatura é das mais regulares no *Papagaio Real* e aparece associada quer à "tradicional" caricatura como à vanguarda humorista, menos pessoalizada.

¹⁸ José Herculano Stuart Torrie de Almeida Carvalhais (Vila Real, 1887 – Lisboa, 1961). Foi um dos mais geniais caricaturistas portugueses. O seu virtuosismo reflecte-se com igual intensidade quer na versatilidade do traço quer na irreverência picante do seu humor. Publicou os seus primeiros trabalhos no suplemento humorístico d' *O Século*, onde chegou pela mão de Jorge Colaço. O sucesso foi instantâneo, pelo que outras publicações o convidaram a colaborar, nomeadamente: *Ilustração Portuguesa*, *A Voz da Juventude*, *A Garra*, *O Zé* e *A*

1971)¹⁹, **Rodrigues Castañe** (1887-?)²⁰, **João Maria** (1883-1947)²¹ e **Silva Monteiro**²².

Na frente literária, anunciava a **colaboração de Machado Correia** (José Sebastião Machado Correia, 1861-1935), de **A. Monteiro** (Arménio Monteiro) e do próprio diretor, Alfredo Lamas. Porém, nas suas páginas descobrem-se **outras colaborações**, ainda que na maior parte dos casos não seja possível identificá-las. Umas, presentes desde do primeiro número, outras que foram surgindo no correr das edições.

No que toca ao humor gráfico, assinala-se a presença das seguintes assinaturas: **«alcoravi» que camuflava a identidade de Rocha Vieira**²³;

Sátira. Ligou-se aos modernistas e foi co-fundador da Sociedade dos Humoristas Portugueses. Ainda colaborou com *A Lanterna* e *O Pardal*, antes de partir para Paris, em 1913. Mas pouco tempo depois, já está novamente em Lisboa, a trabalhar no *Século Cómico*, para o qual criou a famosa dupla de heróis «Quim e Manecas». No *Papagaio Real*, a assinatura de «Stuart» está presente desde o segundo ao penúltimo número. Dotado de uma criatividade inesgotável, colaborou também *Os Sports*, o *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *Vida Mundial*, *Sempre Fixe*, *Ridículos* e muitas outras publicações.

¹⁹ Jorge Nicholson Moore Barradas (Lisboa, 1894-1971) foi um pioneiro do modernismo, formado na escola da experiência, ao lado de outros artistas como Christiano Cruz, Stuart, Almada, etc.. As suas primeiras propostas humorísticas apareceram em publicações como a *Rajada* e *A Sátira*. Participou nos Salões de Humoristas de 1912 e 1913. O seu nome figura na capa do *Papagaio Real* entre os colaboradores artísticos, mas não identificámos a sua assinatura em nenhuma das criações humorísticas ou caricaturas. Possivelmente, corresponde a um dos vários pseudónimos e grafismos presentes. Em 1919, Jorge Barradas fundou *O riso da vitória*, dirigiu o *ABC a rir*, e colaborou com dezenas de publicações periódicas, desde diários de grande circulação, como *Diário de Lisboa*, *Diário de Notícias*, *Século*, *Capital...* a revistas como *Contemporânea*, *Magazine Bertrand*, *Seara Nova*, *Eva*, entre outras. A partir de 1945, orientou a sua carreira para outras artes, sobretudo a cerâmica, e viu o seu talento reconhecido e premiado diversas vezes.

²⁰ Adolpho Rodriguez Castañe (Madrid, 1887-?), marcou presença nos Salões de Humoristas de Lisboa em 1912 e 1913. Figura entre os colaboradores artísticos do *Papagaio Real*, mas não identificámos a sua assinatura. Rodriguez Castané também prestou colaboração em: *O Século: suplemento humorístico*, *Topa a Tudo*, *Pim-pam-pum*, *Portugal Artístico*, entre outras.

²¹ Pseudónimo usado por Arnaldo Ressano (Lisboa, 1883-1947), militar dado às artes. Em 1901, participou na 1.ª Exposição da SNBA com trabalhos de caricatura. Na imprensa, estão identificados trabalhos desde 1904, no *Arauto*, e também na *Revista Nova*, *Ilustração Portuguesa*, *Pst!*, entre outras. Em 1914, integrou a “ficha técnica” do *Papagaio Real*, mas a sua assinatura não é facilmente identificável. Também desenvolveu trabalho para o jornal humorístico *O espectro*, *Sempre Fixe*, *O Diabo*, *Risota*, *Século Ilustrado* e *Ocidente*. Foi fundador do Grupo dos Humoristas de 1937/40 e presidente do Grupo dos Humoristas Raphael Bordallo Pinheiro e da SNBA.

²² José Jaime Pinto da Silva Monteiro (Lisboa, 1881 – 1937) embora tenha sido um artista muito popular na I República (caricaturista, humorista, além de se ter dedicado a BD para os mais novos), hoje é praticamente desconhecido. As suas primeiras criações foram publicadas no bissemanário humorístico *Os Ridículos*, ao qual esteve ligado longos anos (1908-1926). No *Papagaio Real*, a presença de Silva Monteiro pode identificar-se no n.º 1 (p. 10-11), e terá correspondência com a assinatura «Sylvio» presente nos n.ºs 10, 14 e 18. O humor de Silva Monteiro propagou-se atrás de jornais como o *Diário de Lisboa*, *A Voz* e a *Época* – onde publicou a BD «Para os Nossos Leitores Pequeninhas».

²³ Alfredo Carlos da Rocha Vieira (Angra do Heroísmo, 1883 – Lisboa 4/11/1947) foi discípulo de Roque Gameiro e fez carreira sobretudo como ilustrador, caricaturista e banda desenhista infantil, embora também se tenha dedicado à pintura (óleo e aguarela). Participou no I e II Salão dos Humoristas Portugueses (1912 e 1913). Durante muitos anos esteve ligado à empresa d’ *O Século*, e o seu trabalho distribui-se por diversas publicações desse grupo como:

«Alvaro Reis», que se torna presença regular e de peso a partir do n.º 7; «Jaime Turaine» (n.º 8); «Fredy» (n.º 9); «Mário Pereira» (n.º 14) – todos ainda por identificar; também há trabalhos não assinados ou firmados com assinaturas gráficas (n.º 17).

Nas letras, o “secretismo” repete-se, aliás, a maioria dos textos são “curtos” e raramente estão assinados, se excetuarmos a crónica ou artigo de fundo, de cariz doutrinário. Começou por ser assegurado por um «Gil Vaz», que em meados de maio terá considerado que estavam reunidas as condições para por a descoberto a sua verdadeira identidade: **Rocha Martins**²⁴. A revelação foi feita em tom entusiástico: «Temos a satisfação de comunicar aos leitores do *Papagaio Real* que começa hoje a sua efectiva colaboração n’este semanário o nosso querido amigo e brilhante jornalista Rocha Martins, antigo redactor principal d’ *O Jornal da Noite*, quando da tragedia de 1 de Fevereiro.»²⁵

Em números anteriores já o publico teve ocasião d’apreciar o vigor causticante d’aquelle que foi nas columnas das *Novidades* [Lisboa, 1885-1923] o fustigador intemerato do ultimo governo.

Actualmente redactor chefe do *Diário da Manhã*, Rocha Martins, que dada a indole humorística do nosso jornal, assignara com o pseudónimo de *Gil Vaz* as suas chronicas, dar-nos-ha uma collaboração assidua, n’este momento em que o jornal de caricaturas tem que ser o pampheto ilustrado.»²⁶

Século Edição da Noite, ABCzinho, Século Cómico, ABC a Rir, Ilustração Portuguesa, Sportsinhos, etc. Também colaborou com o *Diário de Notícias* e com a casa editora David Corazzi. No *Papagaio Real* usou o pseudónimo «Alcarovi», construído com as primeiras letras de cada um dos seus nomes, e descobrimo-lo nos n.ºs 1 (p. 12) e 2 (p. 3) como autor da série «Notas d’um Pae. Commentadas e Ilustradas», que, posteriormente, passa a ser assinada com um grafismo semelhante à letra “A”. Este grafismo firma muitas outras composições humorísticas (n.º 3, 4, 5, 6, 9 e 16), que eventualmente serão da autoria de Rocha Vieira.

²⁴ Francisco José Rocha Martins (Belém, 30/03/1879 – Sintra, 23/05/1952) fez estudos no Instituto Industrial e começou a trabalhar na Companhia União Industrial. Era ainda muito jovem, pelo que não se deu por satisfeito. Inscreveu-se no Curso Superior de Letras e, pouco tempo depois, já fazia parte da redação do *Diário Popular*, de Mariano de Carvalho, onde descobriu a sua vocação literária e o fascínio pelo mundo da imprensa. Fez-se escritor popular com os romances históricos que publicou no diário *Vanguarda*, de Magalhães de Lima. Mas as circunstâncias acabaram por fazer dele um jornalista militante, monárquico, de verbo fácil e muito combativo. Dirigiu a *Ilustração Portuguesa* e o *Jornal da Noite*; e colaborou no *Jornal da Noite*, *Diário de Notícias*, *Primeiro de Janeiro*, *Comércio do Porto*, *O Liberal*, *Diário da Manhã*, *Novidades* e *República*. Fundou e redigiu a publicação panfletária *Os Fantoques* (1914), em que escalpelizava os líderes republicanos. Na década de 20, retomou a sua atividade literária e, em parceria com Mimon Anahory, fundou e dirigiu o célebre semanário ilustrado *ABC*. Dez anos depois, lançou ainda o *Arquivo Nacional*, publicação orientada para a história e outras ciências sociais. À margem da imprensa e da literatura, há a assinalar a sua eleição como deputado monárquico, no ano 1918, e como vereador de Lisboa, durante a presidência de Albano Augusto Portugal Durão, em 1923.

²⁵ Trata-se do já aqui referido *Jornal da Noite* (1906-1908), órgão do *Partido Regenerador-Liberal*, onde Alfredo Lamas desempenhou o cargo de gerente e também de secretário. Rocha Martins foi seu redator principal a partir de 17 de setembro de 1907. Quanto à “tragedia” evocada refere-se, provavelmente, ao regicídio, na sequência do qual *O Jornal da Noite* interrompeu a publicação. Em 27 de Junho de 1914, quando reaparece tem como diretor Rocha Martins e como Secretário Alfredo Lamas. A 20 de agosto voltou a suspender-se, reaparecendo em fevereiro de 1915.

²⁶ Cf. “Rocha Martins”, *Papagaio Real*, n.º 6, de 12/05/1914, p. 3.

Esporadicamente, descobre-se a presença, de outras assinaturas, óbvios pseudónimos, como: «Ponson du Marne» (n.º 1, 4, 9), «Democrito II» (n.º 3 e 6) «José d'Adiça» (n.º 2) e «Tilia» (n.º 18).

A equipa do *Papagaio Real* completava-se com **Jorge Luiz dos Santos**, que desempenhava as **funções de administrador e editor**. A partir de junho, na sequência da transferência para as instalações do *Diário da Manhã*, **o editor passou a ser Nuno de Vasconcelos**.

Enquanto periódico humorista e, simultaneamente, monárquico, o financiamento do *Papagaio Real* dependia dos seus leitores mais fiéis e regulares, ou seja da sua rede de assinantes, embora também contemplasse a venda avulsa. O **preçário** praticado era o seguinte: número a avulso, 20 réis. Lisboa – ano (52 n.ºs), 1\$050 réis; 6 meses (26 n.ºs), 600 réis; 3 meses (13 n.ºs) 300 réis; PROVÍNCIAS, ILHAS E COLÓNIAS – ano, 1\$300 réis; 6 meses, 750 réis; 3 meses, 400 réis; BRAZIL E UNIÃO POSTAL – ano, 1\$600 réis. Também contava com receitas geradas com a publicidade, para a qual reservara o verso da capa e a contracapa.

Rita Correia

Lisboa, Hemeroteca Municipal, 16 de novembro de 2014

BIBLIOGRAFIA

Grande enciclopédia portuguesa brasileira. Lisboa-Rio de Janeiro: Editorial Enciclopédia, Lda., [s.d.].

“O Jogo da Política Moderna!” *Desenho humorístico e caricatura na I República* (catálogo da exposição). Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa. Direcção Municipal de Cultura: Grupo de Trabalho para as Comemorações Municipais do Centenário da República, 2010. ISBN: 972-8695-35-4.

DEUS, António Dias de – *Os comics em Portugal: uma história da banda desenhada*. Lisboa: Cotovia/Bedeteca, 1997. ISBN 972-8423-04-7.

FERREIRA, David – *História Política da Primeira República*. Lisboa: Livros Horizonte, 1973-1981, Vol. 1 (1.ª e 2.ª parte).

LEMOS, Mário Matos e – *Jornais Diários Portugueses do Século XX. Um Dicionário*. Coimbra: Ariadne Editora, Lda, [s.d.]. ISBN 972-8838-35-2.

SOUSA, Osvaldo Macedo de – *História da Arte da Caricatura de Imprensa em Portugal - 1847/2002*. Lisboa: Secretaria de Estado da Comunicação Social, Instituto da Comunicação Social, Lisgráfica, Grafilis, [s.d.].

Santos, Miguel António Dias - *Antiliberalismo e contra-revolução na I República (1910-1919)*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Secção de História, Teses de Doutoramento, 2010.

Casa da Imprensa. «Historial da Casa da Imprensa», na Casa da Imprensa, digital, disponível em: http://www.casadaimprensa.pt/?page_id=354
[Consultado a 18/10/2014]